

A Sondagem Industrial (SI) e o Índice de Confiança (ICEI) são elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) desde 1998 juntamente com as Federações das Indústrias dos estados. No estado de São Paulo, o Estudo é realizado em parceria com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). A partir do segundo semestre de 2015, a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), por meio de um convênio assinado com a CNI/FIESP, passa a ter acesso às informações sobre os resultados da SI e do ICEI, incluindo a amostra para o Grande ABC. O trabalho de análise conjuntural da indústria do Grande ABC e sua divulgação serão realizados pela equipe do Observatório Econômico da Escola de Gestão e Direito da UMESP.

A pesquisa tem frequência mensal com respostas qualitativas, colhidas por meio de questionário enviado às empresas industriais pela CNI, que trata os dados e gera os indicadores. A maioria das perguntas possuem cinco alternativas graduais e excludentes que vão da pior para a melhor avaliação do respondente, em comparação ao período anterior. Cada pergunta trabalha com os escores 0, 25, 50, 75 e 100. O indicador para cada item questionado é formado a partir da ponderação dos escores (avaliação) pelas respectivas frequências relativas das respostas.

Os resultados gerais para cada pergunta são obtidos após a ponderação dos indicadores por grupos de empresas segmentadas pelo porte, classificadas em Pequenas, Médias e Grandes.

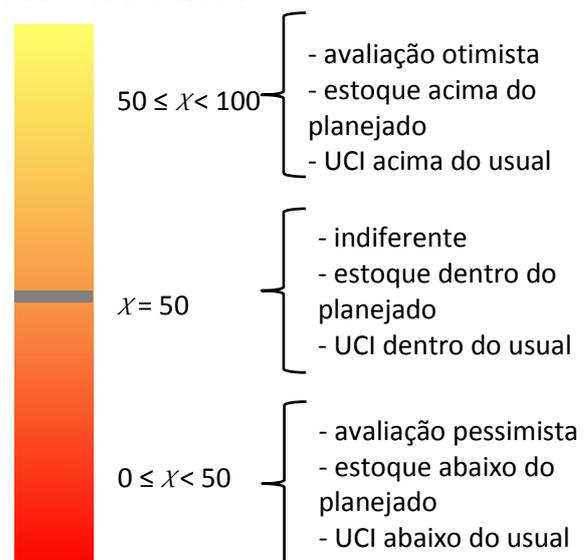
Os questionários sobre Sondagem Industrial abordam volume de produção, nível de utilização da capacidade instalada, percentual de utilização da capacidade instalada, número de empregados, estoque de produtos finais em relação ao planejado e em relação ao período anterior, questões sobre perspectivas para os próximos 6 meses relativos à demanda, exportação, número de empregados, compra de matérias-primas e intenção de investimento.

O Índice de Confiança (ICEI) avalia as condições atuais e aquelas para os próximos seis meses quanto às condições da empresa, da economia brasileira e do estado de São Paulo, indicando as expectativas e as tendências para o setor.

A cada três meses, também são avaliadas, por meio dos questionários, as condições referentes à situação financeira, acesso ao crédito, preço das matérias-primas, lucro real, entre outros.

Ao realizarmos a análise dos resultados da pesquisa, temos que considerar a seguinte regra,

considerando x o escore.



Produção Industrial no Brasil recua ao patamar de 2007

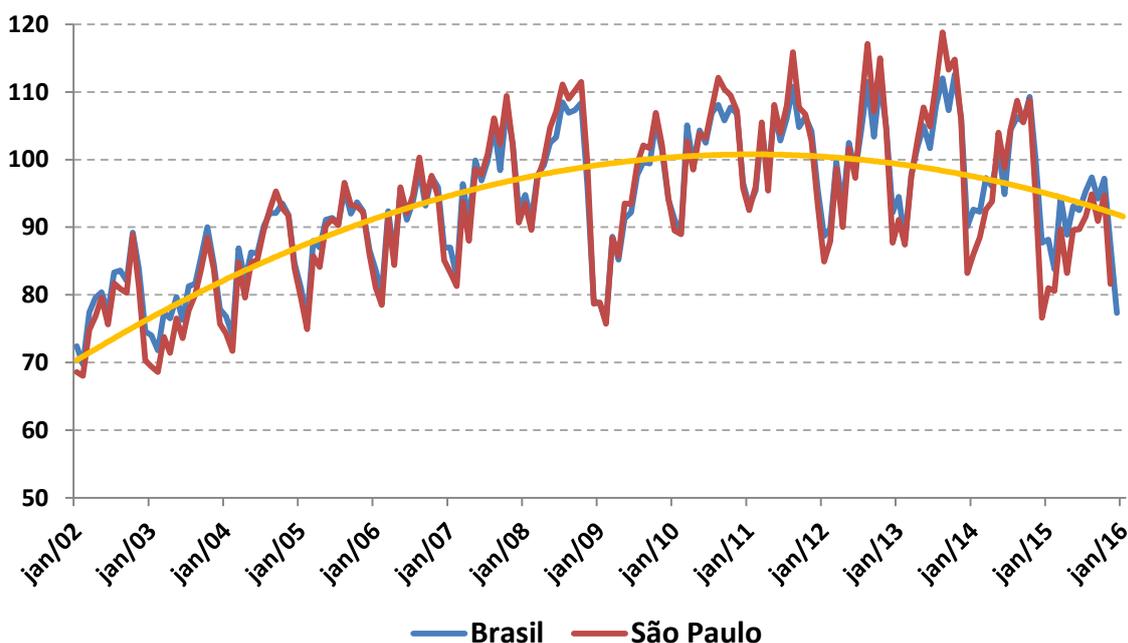
O ano de 2015 foi marcado por uma forte retração na produção industrial brasileira, de 8,3%, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, conforme podemos visualizar no gráfico a seguir.

Essa queda vem ocorrendo desde 2014. No acumulado do biênio 2014/2015, a queda na produção industrial é de aproximadamente 11%.

O estado de São Paulo também tem registrado queda na produção industrial segundo a mesma pesquisa do IBGE, nos anos de 2014 e 2015. A retração acumulada nesse período no estado é de aproximadamente 14,7%.

Dentre os fatores que motivaram essa retração estão a queda na demanda, a retração dos investimentos públicos e a maior retração ao crédito.

Pesquisa sobre Produção Física Mensal na Industrial - IBGE



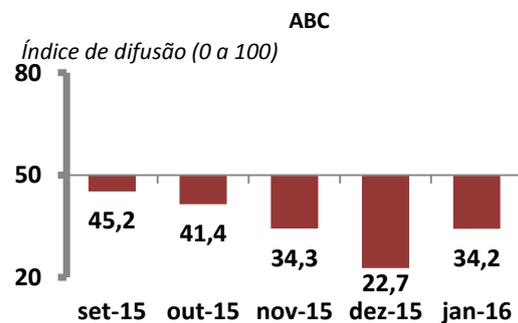
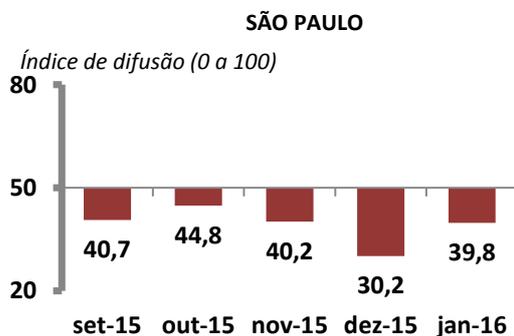
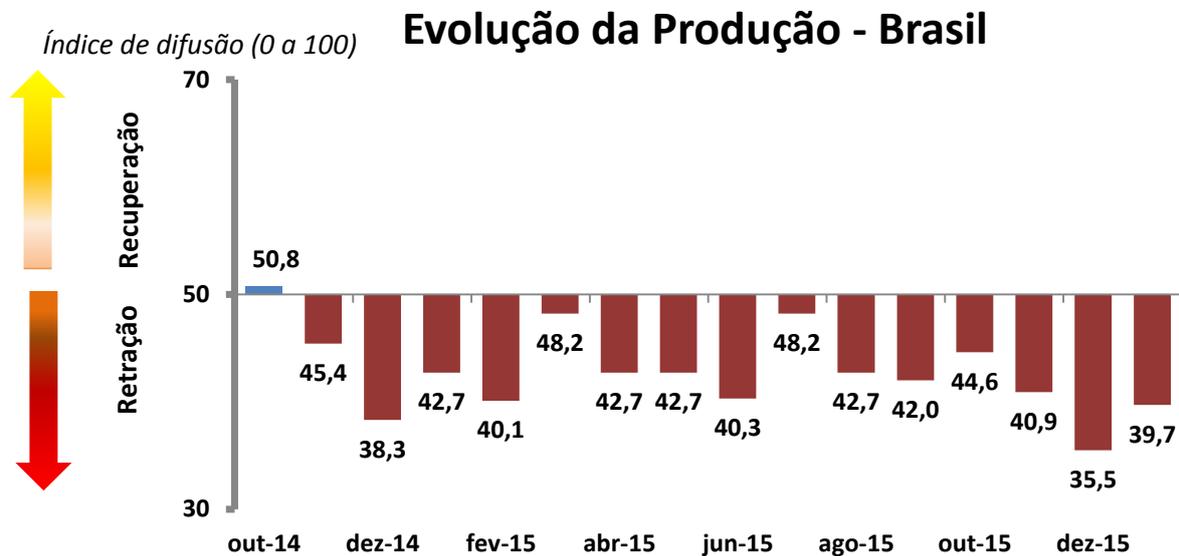
Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

As empresas pesquisadas na região do Grande ABC são, em sua maioria, de grande e médio porte.

Os principais setores das empresas respondentes são: veículos automotores, metalurgia, produtos de metal e borracha.

O índice de evolução da produção das empresas da região do Grande ABC teve um desempenho negativo no último trimestre de 2015, diminuindo de 45,2 em setembro para 22,7 em dezembro, seguido de uma pequena melhoria em janeiro deste ano. Esse movimento pode ser explicado pela retração da atividade industrial no último trimestre do ano.

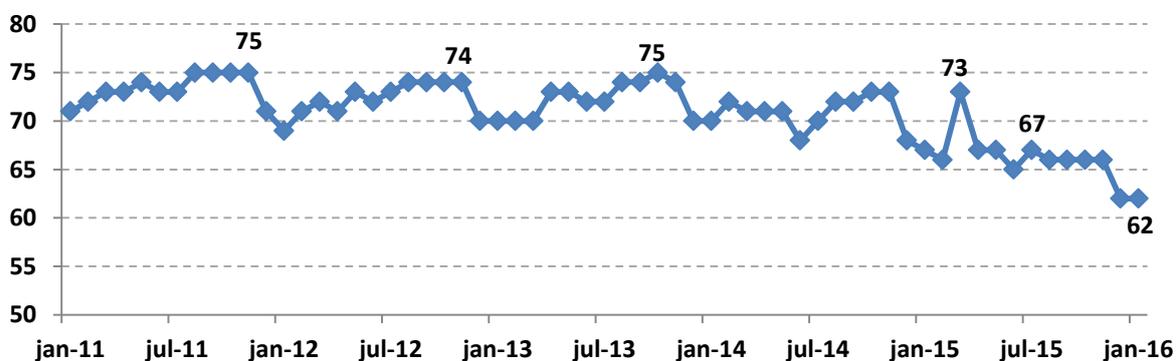
Embora em intensidade menor, esse mesmo comportamento também pode ser visto junto às indústrias pesquisadas no Brasil e no estado de São Paulo. A retração da atividade industrial é preocupante em função da ampla cadeia produtiva que a mesma movimenta, a sua capacidade de geração de valor adicionado e empregos.



A retração na atividade produtiva refletiu na redução na Utilização da Capacidade Instalada (UCI) de 68% em dezembro de 2014 para 62% em dezembro de 2015. A retração mais acentuada ocorreu no mês de dezembro.

Entretanto, ao analisarmos o gráfico a seguir, observamos que a utilização da capacidade instalada vem diminuindo na indústria brasileira desde meados de 2014.

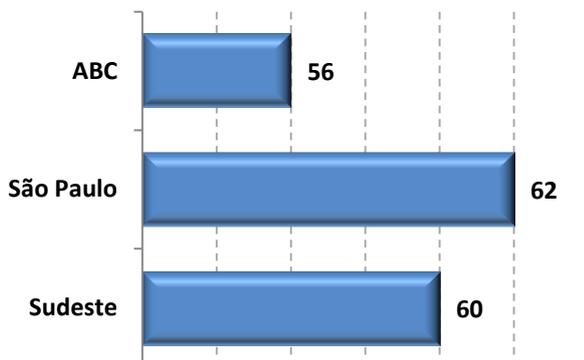
Utilização de Capacidade Instalada Brasil (em %)



A Utilização da Capacidade Instalada também se mostra baixa nas regiões Sudestes e no estado de São Paulo.

Na região do ABC, o uso a capacidade instalada diminuiu de aproximadamente 60% entre os meses de setembro e novembro, para 52% no mês de dezembro e 56% em janeiro.

Utilização da Capacidade Instalada - jan/2016 (em %)



Esse dado reflete a queda na produção na região, apontada no item anterior, bem como a queda no nível de emprego, apontada pelos dados do Cadastro Geral de Empregos – CAGED, do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, segundo o qual tem ocorrido uma redução mais acentuada de empregos formais no setor industrial da região.

O índice referente à evolução do número de empregados na indústria levantado pela Sondagem Industrial se mostrou mais pessimista na região do ABC, comparativamente ao estado de São Paulo e ao Brasil¹.

¹ Ver Anexo.

Região do Grande ABC / SP

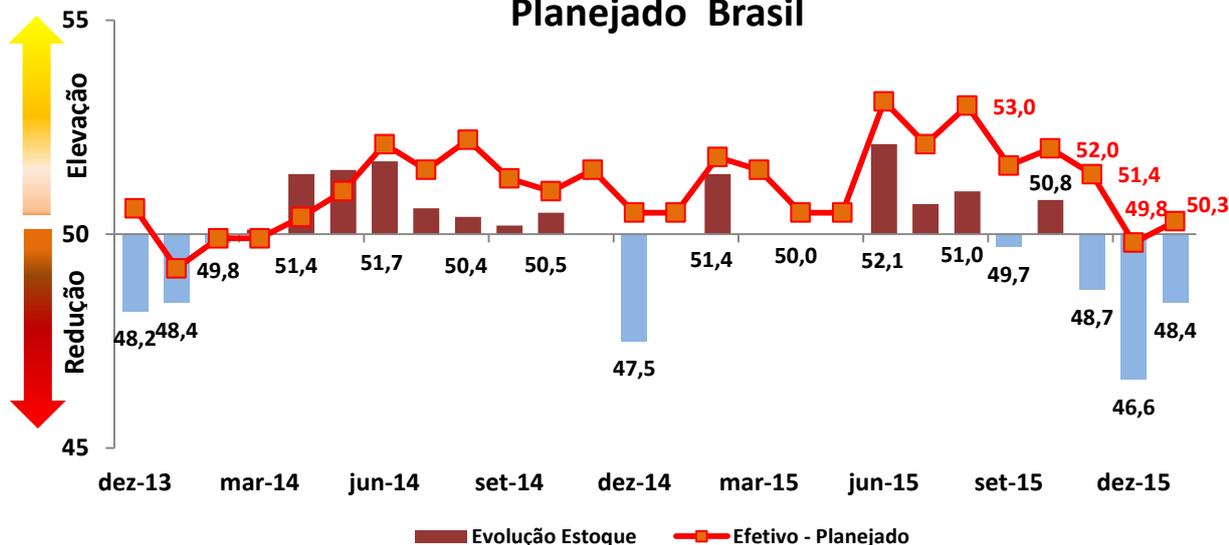
O indicador de estoque de produtos finais aponta uma redução dos estoques no último trimestre de 2015 no Brasil e no estado de São Paulo. Com isso, houve uma convergência dos estoques para o volume planejado nestas regiões.

Isso indica maior volume de venda combinado com redução na produção, possibilitando a redução dos estoques.

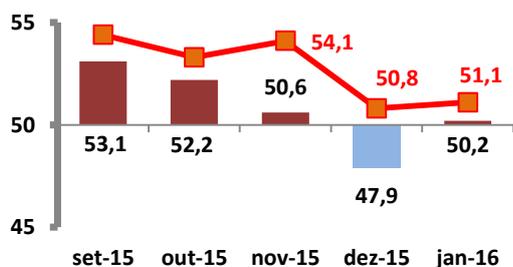
Na região do ABC essa tendência não foi replicada. Entre setembro e novembro houve uma

elevação dos estoques, com redução apenas em dezembro. Com isso, os estoques permaneceram acima do planejado em todo o período, em um grau mais intenso que no estado de São Paulo e no Brasil. Somente em janeiro os estoques ficaram abaixo do planejado na região.

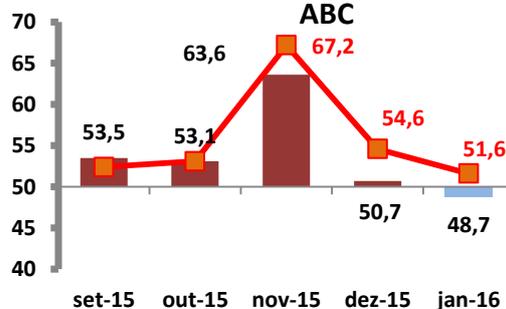
Evolução dos Estoques Efetivos e sua comparação com o Planejado Brasil



SÃO PAULO



ABC



Com a redução no volume de produção e aumento da capacidade ociosa, tem ocorrido uma redução na intenção de investimentos para os próximos seis meses.

A intenção de investimento vem diminuindo na indústria brasileira nos últimos 24 meses. O índice diminuiu de 60 em dezembro de 2013, para 52,4 em dezembro de 2014 e 41,5 em dezembro de 2015.

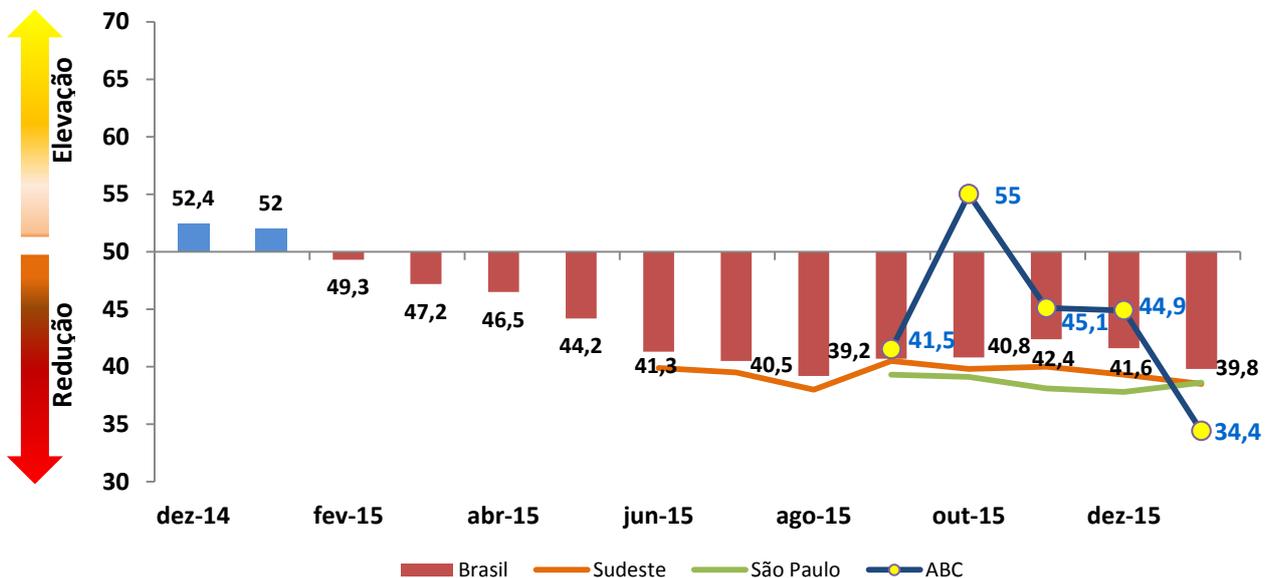
Embora a curto prazo o elevado potencial de capacidade produtiva instalada ociosa explique a queda na intenção de investimento, a longo prazo a permanência da baixa disposição a investir leva a baixa expansão da capacidade produtiva, o que limita o potencial de crescimento do setor.

Na região Sudeste e no estado de São Paulo, a intenção de investimento também tem se mostrado baixa, próximo aos indicadores apresentados a nível nacional.

Na região do Grande ABC, o setor industrial também apresenta baixa intenção de investimento, com queda acentuada no mês de janeiro deste ano.

Um dos fatores explicativos para este comportamento do setor industrial na região do ABC pode ser a expectativa com relação à melhoria da demanda externa, atrelada não somente às mudanças recentes na taxa de câmbio, mas também à possível mudança de postura do governo argentino.

Intenção de Investimento pela Indústria



As perspectivas do setor industrial para os próximos seis meses mostram-se pessimistas, exceto com relação às exportações. Com relação à demanda interna, à necessidade de compras de matérias-primas e ao volume de emprego, as expectativas são negativas, indicando a tendência

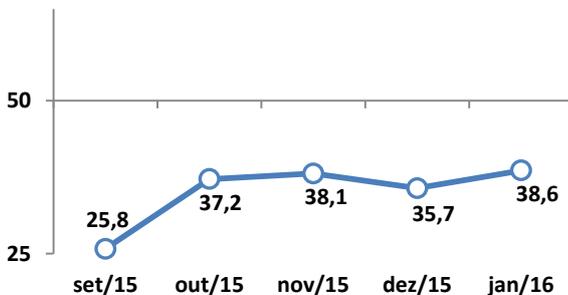
de continuidade de um cenário de retração junto ao setor. Estas se mostram mais negativas junto às pequenas e médias, comparativamente às grandes empresas.

Ao avaliar os dados referentes à região do ABC, observamos uma redução do pessimismo quando à demanda interna no último trimestre de 2015. Comportamento este que não se apresentou nos cenários estadual ou nacional.

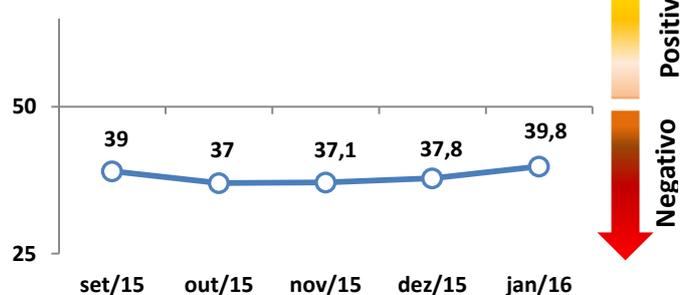
Com relação às perspectivas para o número de empregos e o volume de compras de matéria-prima na indústria do ABC, o panorama apontando o último trimestre mostrou-se negativo sem alterações significativas.

Região do ABC
Perspectivas do Setor Industrial

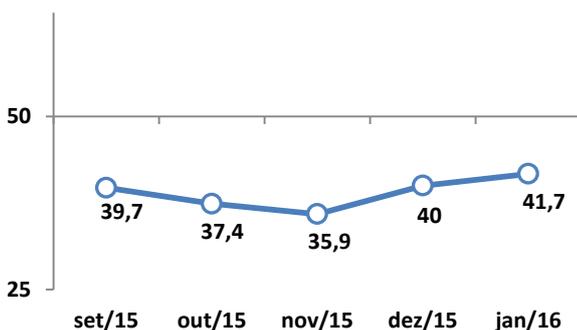
Evolução de Demanda



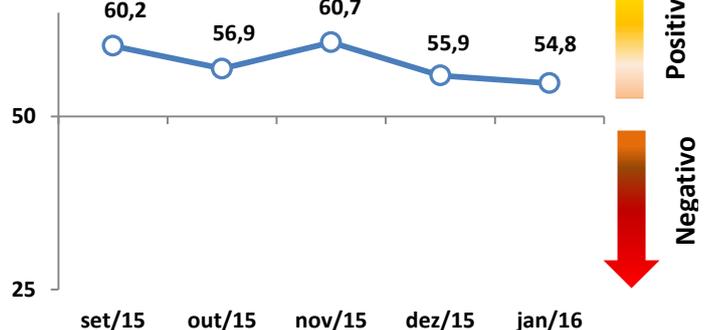
Evolução do número de empregados



Evolução das compras de matéria-prima



Evolução da quantidade exportada



Diferentemente, as perspectivas para a evolução do volume de exportação para os próximos seis meses são levemente positivas, sendo influenciadas especialmente pela trajetória da taxa de câmbio no último ano. Cabe ressaltar que

as perspectivas das indústrias do Grande ABC apontam um cenário mais favorável para o volume de exportações, comparativamente aos resultados observados para o Brasil e para o estado de São Paulo.

Essa diferença pode ser explicada pelo fato de termos indústria com elevado potencial exportador e que foram fortemente afetadas nos últimos anos, especialmente aquelas ligadas ao setor automobilístico, às quais foram afetadas também pelas restrições adotadas pelo governo argentino.

Com relação à condição financeira das empresas do setor, a sondagem industrial revelou uma condição preocupante no que tange a margem de lucro, situação financeira e acesso ao crédito.

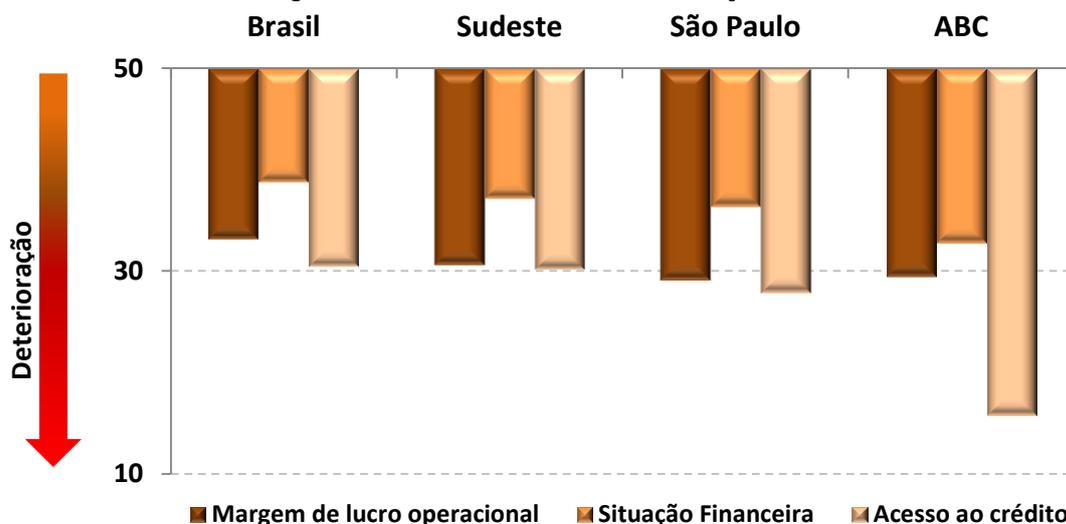
Esta é explicada por um lado, pela redução no volume de demanda, e, conseqüente redução de

receita, ao passo que do outro lado, os custos se ampliam com o efeito da inflação sobre os fatores de produção.

Com isso, a margem de lucro vem se deteriorando, reduzindo à expectativa de retorno, o que também afeta negativamente as intenções de investimento nos próximos meses.

Para completar, a política monetária restritiva, tem provocado elevação no custo do financiamento, além de reduzir o volume de recursos disponível para crédito, tornando o sistema financeiro mais seletivo.

Condição Financeira das Empresas - dez 2015



Ao comparar as condições financeiras das indústrias da região do ABC com as demais regiões, a sondagem industrial revela uma situação um pouco mais desfavorável nas empresas locais, segundo a avaliação de seus gestores. Especialmente com relação às condições de acesso ao crédito. Neste item a avaliação é bastante semelhante entre as pequenas, médias e grandes empresas da região.

Em grande parte, essa situação é reflexo da própria conjuntura econômica do país e não se restringe apenas às empresas do setor industrial.

As perspectivas de melhora da condição financeira das empresas estão atreladas a melhoria do volume de vendas, retomada da produção e geração de receitas. Para algumas empresas, o mercado externo pode vir a ser um atalho para a retomada de suas atividades.

**Principais problemas
enfrentados pelas empresas
- dez 2015**



Os principais problemas apontados pelas empresas da região do ABC que afetam suas operações no último trimestre de 2015 foram a falta de demanda interna, a elevada carga tributária, a falta ou alto custo da energia elétrica, seguidos da taxa de juros, a falta de capital de giro e a falta ou alto custo da matéria prima.

Com pequenas diferenças no coeficiente de participação, estes também são os principais problemas relatados pelas empresas do setor industrial em nível nacional e estadual.

Comparado ao último trimestre de 2014, com a retração econômica do ano de 2015 o problema da falta de demanda interna ganhou importância junto às indústrias do país, atrás apenas da elevada carga tributária. Já a falta de mão de obra qualificada, neste ambiente de desaceleração, perdeu importância entre os principais problemas enfrentados pelo setor no país.

Com relação ao mercado externo, poucas empresas apontaram a insuficiência de demanda externa como um dos principais problemas, bem como a competição com importados. Comparativamente ao último trimestre de 2014, este cenário revela uma melhoria das condições do comércio exterior ao setor industrial.

Há que se ressaltar que alguns dos principais problemas apontados apresentam componentes estruturais, cuja solução não deve ocorrer no curto prazo, como a questão da elevada carga tributária e das elevadas taxas de juros que afetam todas as empresas.

Indicadores de Confiança da Indústria

Na análise da composição do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da região do ABC, percebe-se que os empresários estão mais pessimistas em relação às condições atuais e expectativas futuras da economia comparadas às expectativas apontadas no recorte para o Brasil e para o estado de São Paulo.

Ao longo dos últimos meses o ICEI geral apresentou uma leve queda, tendo o indicador referente às condições atuais diminuído mais intensamente que o indicador de Expectativas, embora ambos revelem pessimismo por parte dos empresários.

Indicador de Confiança da Indústria - jan 2016

	Brasil	Sudeste	São Paulo	ABC
ICEI	36,5	33,0	32,0	26,8
Indicador de Condições	27,6	25,3	25,2	15,9
Condições da Economia	18,7	17,0	16,7	11,6
Condições da Empresa	32,2	29,7	29,6	18,1
Indicador de Expectativas	40,9	37,1	35,7	33,7
Expectativas da Economia Brasileira	30,4	26,9	25,7	26,0
Expectativas da Empresa	46,5	42,4	40,5	37,5

A deterioração da avaliação realizada pelo setor referente às condições da Economia Brasileira são motivadas pelo atual momento econômico do país. As expectativas com relação à economia brasileira nos próximos seis meses também apresenta uma avaliação negativa, ainda que menos intensa que a ponderação referente às condições atuais.

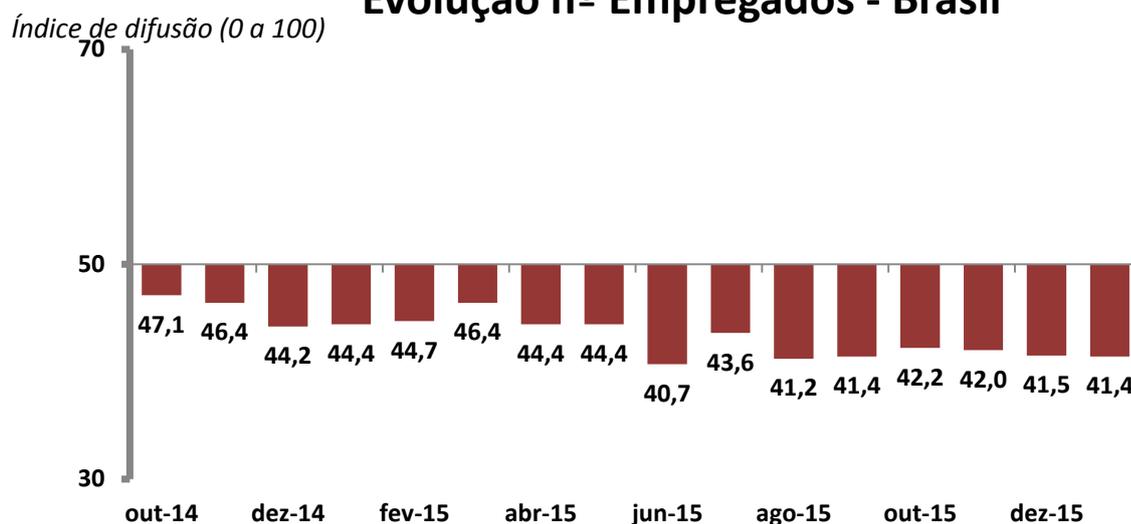
As avaliações referentes às condições da empresa foram menos pessimistas, embora tenham sido desfavoráveis, diante da retração da produção, da falta de demanda interna e da baixa expectativa de investimentos para os próximos períodos.

No atual contexto, o Produto Interno Bruto (PIB) de 2015 apresentou uma retração de 3,8% em 2015, tendo o setor industrial diminuído 6,2%, diminuindo sua participação na riqueza nacional.

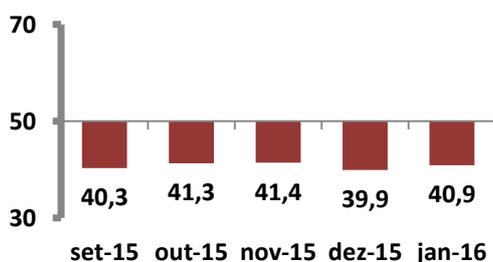
Em curto prazo, o setor externo poderá trazer algum alívio para alguns segmentos do setor industrial. Entretanto, a retomada de um ambiente mais favorável às industriais do ABC deverá demandar tempo, para a recuperação do mercado interno e possível efetivação de políticas setoriais.

ANEXO

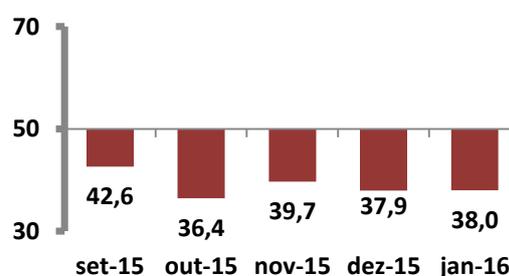
Evolução nº Empregados - Brasil



SÃO PAULO



ABC



Desempenho Brasil no período

	PIB da Indústria	PIB
Crescimento 2010 - 2015	-1,9%	5,0%

Desempenho São Paulo e Grande ABC no período

	Estado de São Paulo		Grande ABC	
	PIB da Indústria	PIB	PIB da Indústria	PIB
Crescimento 2010 - 2013	-6,6%	10,15%	-19,6%	0,9%
% da Indústria em 2010	22,41%	-	32,45%	-
% da Indústria em 2013	18,93%	-	25,86%	-

Universidade Metodista de São Paulo
Observatório Econômico
Curso de Ciências Econômicas
Escola de Gestão e Direito

Reitor

Dr. Márcio de Moraes

Diretor da Escola de Gestão e Direito

Dr. Fúlvio Cristofoli

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Sílvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Me. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Me. Moisés Pais dos Santos

Funcionária

Bruna Romualdo Teixeira

Estagiário

Lucas Sanson Bellot

URL: <http://www.metodista.br/observatorio-economico>



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-5035